

REVISTA

Educação em Pauta

1ª edição nov/2023



**Educação Assistida
por Animais**



Canção Nova

FACULDADE

Carta ao Leitor

É com imenso prazer que apresentamos a você a edição da nossa revista - Educação em Pauta - resultado do empenho e dedicação de um semestre letivo. Como estudantes de Jornalismo, encaramos a educação não apenas como um tema, mas como missão: a de informar, inspirar e provocar reflexões sobre o papel transformador da educação em nossas vidas.

Nesta edição, mergulhamos profundamente em diversas facetas do universo educacional no Vale do Paraíba. Desde as inovações tecnológicas que moldam as salas de aula até as histórias inspiradoras de superação proporcionadas pelo ensino. Cada reportagem, entrevista e análise foi cuidadosamente elaborada para oferecer a você, caro leitor, uma visão abrangente e multifacetada do panorama educacional.

Sabemos que a educação é uma jornada em constante evolução, repleta de desafios e oportunidades. É por isso que buscamos não apenas retratar a realidade, mas também destacar as iniciativas que estão moldando o futuro da educação. Queremos que estas páginas sejam um convite à reflexão, ao diálogo e à ação.

O legado inspirador de Padre Jonas Abib nos impulsiona a destacar e valorizar uma educação para "formar Homens Novos para um Mundo Novo", e esperamos que as próximas páginas o incentivem a acreditar em um ensino que transforma. Cada matéria reflete não apenas nosso compromisso com a verdade jornalística, mas também a nossa paixão por contar histórias!

Esperamos que esta edição desperte em você o mesmo entusiasmo que tivemos ao elaborá-la durante nosso 4º período de formação e que a educação seja uma pauta constante e relevante para você!

**Da editora chefe,
Bruna Marinho**

Revista Educação em Pauta

Colaboraram nesta edição

Bruna Marinho de Souza
Gabriel de Azevêdo Fontada
Gabriela Moreira Araujo Almeida
Flávia Eleide Sá Ponciano
Leonardo Henrique da Silva Souza
Letícia Ferreira Cândido da Silva
Maria Eduarda Cardoso dos Santos
Maria Fernanda Alves de Souza
Matheus Henrique Duarte Eleutério
Mayara Lopes da Silva

Fotografias

Gabriela Moreira Araujo Almeida
Leonardo Henrique da Silva Souza
Maria Eduarda Cardoso dos Santos

Projeto Gráfico

Letícia Ferreira Cândido da Silva
Maria Fernanda Alves de Souza
Matheus Henrique Duarte Eleutério

Editoria Chefe

Bruna Marinho de Souza
Gabriel de Azevêdo Fontada

Revisão Final

Profª Esp. Raphael Leal O. Sanches

Coordenadora do Projeto

Profª Me. Denise Lobato Villela Claro

Coordenador do curso de Jornalismo

Profª Esp. Raphael Leal O. Sanches



Canção Nova
FACULDADE

- 05** Uma jornada de crescimento pessoal e acadêmico através das competições
- 06** Ensino profissionalizante é oportunidade para ingresso ou reinserção no mercado de trabalho
- 07** Jogos em sala de aula podem contribuir com desenvolvimento educacional de estudantes
- 08** Estudantes rompem com “fracasso escolar” e atravessam barreiras na educação
- 10** Além do Método: A Espiritualidade na Educação Católica
- 12** Educação assistida por animais: o encanto do Instituto Canção Nova
- 15** Família na escola: A importância desta relação
- 16** Um sonho possível: estudar fora do Brasil
- 18** Ensinar sem perder a cabeça
- 19** Dicas
- 20** Superação e inclusão
- 22** Educação de Jovens e Adultos, oportunidade para retomar a confiança e caminho para a autorrealização

quem faz o
FUTURO
é **VOCÊ!**

vestibular
2024
Faculdade Canção Nova

Dê um
passo rumo
ao seu futuro!

Canção Nova
FACULDADE

Palavra do Educador

Qual é o impacto da educação infantil na formação de um profissional no futuro?

Entender o impacto da educação infantil na formação de um profissional no futuro nos obriga inicialmente a compreender de forma metodológica e prática as funções da educação da primeira infância. A criança possui um genuíno interesse por descobrir o mundo. Esta curiosidade nas descobertas é característica básica da fase escolar que aborda a primeira infância.

Quando a escola de educação infantil permite que a criança seja curiosa, desenvolvendo sua criatividade por meio de um ambiente preparado para pensar, relacionar, sintetizar, sentir, tocar e observar o impacto deste modelo educacional certamente será muito positivo para o profissional no futuro. No entanto, quando a estrutura escolar não permite tais características o impacto certamente será negativo, pois modelos assim vigoram no Brasil onde a criança só brinca de massinha ou só faz cópia da lousa.

É fundamental articular nos espaços escolares aulas práticas, passeios com grande intencionalidade pedagógica, baseado em um modelo objetivo daquilo que se quer alcançar. Por exemplo, visitas aos museus, zoológicos, indústrias, estações de tratamento de água, observatório dos planetas, dentre muitos outros.

A escola da infância e sua proposta curricular deve despertar a curiosidade, desenvolver a criatividade e o interesse por fatos e coisas do mundo real por meio de um imaginário bem ordenado. Formar crianças que gostem de aprender, criar, inventar e descobrir. Despertar a capacidade de resolver problemas e, especialmente, estimular os pequenos para os conhecimentos mais científicos de uma forma lúdica através da dança, do desenho, do teatro, das músicas, das atividades de lógica, rimas, aliterações e invenções.

Por inúmeras razões, necessitamos desenvolver a curiosidade em todas as fases da vida humana, mas especialmente, incluir a criança no mundo do conhecimento, das descobertas, da ciência, sem deixar de brincar. Quando a educação infantil prioriza despertar a curiosidade por meio de perguntas desenvolvendo comportamento investigativo dentro da sala de aula, aperfeiçoando práticas de leitura e de escrita, a criança tem a chance de se tornar um adulto criativo, um profissional do futuro.

Ana Luiza Matos Lopes Sinieghi
Diretora Adjunta da Educação Infantil



Uma jornada de crescimento pessoal e acadêmico através das competições

Por Matheus Eleutério

O Instituto Canção Nova, escola de Cachoeira Paulista, ganha destaque por seu compromisso com a excelência educacional e pelo incentivo à participação de seus alunos em competições de nível nacional. Entre as disputas em que o Instituto tem se envolvido, destacam-se as Olimpíadas de Robótica e as Olimpíadas de Astronomia, que desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos estudantes.



Alunos montando os foguetes/ Foto: Instituto Canção Nova

Experiências com muito valor

As Olimpíadas educacionais estimulam o crescimento dos alunos do Instituto Canção Nova. Essas competições não são apenas sobre medalhas e prêmios; elas oferecem uma oportunidade única para os estudantes expandirem seus horizontes e se desafiarem de maneiras que não são encontradas em materiais didáticos convencionais.

Segundo Mirella Abib, coordenadora da instituição de ensino, a participação nas provas vai além de testar o conhecimento; ela contribui para o aprendizado.

No decorrer deste ano, o Instituto Canção Nova se destacou em várias competições educacionais. Os alunos conquistaram duas medalhas na OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia), aguardam os resultados da segunda fase da OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas), e alcançaram 12 medalhas no Concurso Canguru de Matemática. Na ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil), avançaram até a quinta fase. Duas medalhas foram obtidas na OGBP (Olimpíada Brasileira de Geopolítica), e aguardam os resultados da OBR (Olimpíada Brasileira de Robótica). Além disso, quatro equipes participaram da Jornada de Foguetes após um bom desempenho na MOBFOG (Mostra Brasileira de Foguetes). Esses resultados refletem o desenvolvimento educacional de seus alunos.

Experiência dos alunos: crescimento pessoal e acadêmico

Alunos como João Pedro Evangelista e Jonas Antunes compartilham suas jornadas inspiradoras na MOBFOG. “Os momentos desafiadores foram os primeiros lançamentos, quando a falta de experiência era evidente. No entanto, a sensação de gratificação foi palpável quando alcançamos o sucesso”, diz João.

Jonas também comentou: “Participar das olimpíadas não apenas aprimorou suas habilidades técnicas, mas também melhorou a paciência, o trabalho em equipe, a perseverança e a empatia, habilidades essenciais para o crescimento pessoal e profissional.”

Ensino profissionalizante é oportunidade para ingresso ou reinserção no mercado de trabalho

Por Flávia Sá

A educação está em constante crescimento e o ensino profissionalizante, muitas vezes conhecido como educação técnica ou tecnológica, oferece uma formação sólida em muitas áreas, capacitando os estudantes com habilidades práticas e conhecimento especializado. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde a evolução tecnológica apresenta grande desenvolvimento, esse tipo de ensino se apresenta como resposta às necessidades de mão de obra qualificada para os diversos setores do mercado de trabalho.



Equipe Qualifica Guará/ Foto:Qualifica Guará

Contudo, no Brasil, o índice de alunos matriculados nesta modalidade de ensino ainda é baixo. Segundo o relatório Education at a Glance 2023, que reúne dados dos países pertencentes à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um a cada dez estudantes do Brasil (da faixa etária entre 15 e 24 anos) faz algum curso do ensino profissionalizante.

Esse número é bem inferior à média dos

países do grupo, que varia de 35% entre os estudantes de 15 a 19 anos a 65% entre aqueles com 20 a 24 anos. Vale ressaltar que, no Brasil, a educação profissionalizante está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para capacitar os jovens a exercerem algumas profissões e serem inseridos no mercado.

Diante disso, diversas iniciativas na área surgem pelo Brasil afora. No Vale do Paraíba paulista, uma delas é o "Qualifica Guará". Localizado em Guaratinguetá (SP), trata-se de um programa com cursos de nível técnico em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em diversas áreas, para atender a grande necessidade de mão de obra atual e futura, principalmente devido a investimentos na área do turismo na região. Um dos destaques do convênio celebrado é a implantação de um aeroporto privado, que já opera com voos da empresa de aviação comercial Azul.

Além disso, há a previsão de iniciar voos regulares no próximo ano. A região receberá, no futuro, um resort em Aparecida (SP), cidade vizinha a Guaratinguetá, onde grande parte da mão de obra virá dos profissionais deste projeto.

Já na cidade de Cachoeira Paulista (SP), existe a Escola Técnica Estadual (ETEC), com cursos profissionalizantes em diversas áreas, e o Instituto Canção Nova (ICN), com o Curso Técnico de Rádio e TV, formando profissionais específicos para a área ligada à Comunicação Social.

Segundo Older Leite, coordenador do curso no ICN, muitos são os exemplos de carreira promissora: atualmente, há um considerável número de profissionais que trabalham no Sistema Canção Nova de Comunicação formados no Instituto.

Jogos em sala de aula podem contribuir com desenvolvimento educacional de estudantes

Por Leônia Graça

Os jogos sempre estiveram presentes na vida das pessoas, inclusive nas salas de aula. No entanto, com o avanço da tecnologia, as formas de aprendizagem utilizando estes elementos se transformaram. Os antigos jogos de tabuleiro e de cartas deram espaço aos modelos digitais, desenvolvidos para computadores, smartphones e até mesmo para videogames. Com isso, uma grande oportunidade surgiu para os educadores.

Para os mais novinhos, com idade entre 4 e 5 anos, o Instituto usa os jogos Minecraft, Big Nero e Geniol, entre outros. Eles são utilizados para ajudar no desenvolvimento das crianças. Contudo, é importante lembrar que uma educação por meio dos jogos, embora possível, necessita de cuidados especiais, pois o excesso do uso de telas pode prejudicar o desenvolvimento durante a infância.

Projetos da escola e jogos educativos

Uma forma muito interessante de fazer um uso qualitativo de jogos na escola é incorporá-los aos projetos previstos no calendário escolar. Podem ser projetos de leitura, de arte, de robótica ou de feiras científicas – há sempre espaço para diversificar a abordagem e tornar a experiência ainda mais engajadora ao aplicar um jogo adequado para aquela oportunidade.

Esta pode ser uma forma de introduzir o projeto escolhido ou ainda de aprofundar a experiência, em diálogo com a proposta. E aí, que tal incentivar, dentro de um projeto, que os estudantes criem seu próprio jogo?



Aluno jogando Minecraft/ Foto:Gabriela Moreira

Docente do Instituto Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), a professora Tatiane Reis comenta que “os jogos na educação tem objetivo de fixação dos conteúdos de maneira lúdica, podendo também contribuir com o desenvolvimento das crianças em diversas áreas e inclusive em outras disciplinas na escola e atividades em casa”.

Entre os jogos aplicados pelo Instituto está uma plataforma chamada code.org. Nela, professores e alunos encontram atividades de lógica e programação que atendem às demandas de disciplinas de crianças e jovens de 4 a 18 anos.



Criança jogando no computador/ Foto: Maria Eduarda

Estudantes rompem com “fracasso escolar” e atravessam barreiras na educação

Por Letícia Ferreira

Um livro publicado aos 16 anos e o vislumbre de novos rumos para sua história. Foi assim, que Eloísa Silva, natural da cidade de São Lourenço - MG, se viu após superar uma infinidade de desafios, até o dia em que pôde contemplar o seu esforço em uma obra pronta para ser distribuída.

A jovem escritora Eloísa Silva, hoje com 17 anos, vive com a mãe e os dois irmãos mais novos e conta que passou até o primeiro ano do Ensino Médio em escola pública. Por diversas vezes, se deparou com uma realidade desfavorável, sentiu-se perdida, sem ajuda para direcionar os seus esforços.

Eloísa diz que sua preocupação na escola em que estudava não tinha a ver com o que faria da vida no futuro, o que ela queria mesmo era descobrir como ia sobreviver ao dia seguinte lá dentro. Rodeada por cenários familiares devastados e sem saber o que fazer, disse que muitas vezes os problemas de casa, a falta de uma boa base familiar eram refletidos no que os alunos viviam dentro da sala de aula, em estado constante de tensão psicológica.

O projeto do livro “Primavera dos Jovens”, de Eloísa Silva, surgiu na pandemia, como uma forma de declarar que o futuro dos estudantes de escola pública não está destinado a apontar para uma vida ínfima. A garota conheceu a ONG Fábrica dos Sonhos, em 2022, instituição que tem a missão de ajudar as pessoas a sonharem e terem uma melhor expectativa de vida. Foi então que



Eloísa Silva em sua sessão de autógrafos / Foto: Arquivo Pessoal

passou a se dedicar mais aos estudos, procurou outros meios de aprender, com cursos e workshops online e aperfeiçoou seu talento para a escrita, o que se consolidou em sua primeira obra publicada.

Eloísa faz de suas palavras “um secreto manifesto”, como ela mesma define o modo que encontrou para extravasar as emoções. “Eu tinha sempre que parecer estar bem e feliz, e não só eu, mas também as pessoas ao meu redor. O livro é um desabafo!”, diz.

Apesar dos desafios, a jovem escritora evidencia que é possível superar as dificuldades e se sobressair mesmo em

meio a uma realidade hostil, deixando uma mensagem para aqueles que se encontram em situações semelhantes: "Pense ativamente o que você quer para a sua vida, procure saber todas as possibilidades e tome seu tempo. Você não precisa fazer uma coisa para sempre, você tem escolhas."

“Você não precisa fazer uma coisa para sempre, você tem escolhas.”

A psicóloga Michele Cristina, 42, que atua diretamente na área de assistência social, destaca a maneira como o ambiente doméstico e a dinâmica familiar vem confirmar a situação em que se encontra a educação e como o cenário em que o aluno está inserido, muitas vezes traz desmotivação e desinteresse para novas conquistas acadêmicas.

“Os pais não se envolvem nas atividades pedagógicas que exigem e necessitam de sua participação, não estimulam os seus filhos. Se cada um cumprisse com o seu papel, e entendesse a importância de ambos estarem juntos (família e escola), provavelmente haveria uma ruptura do fracasso da educação, já que a responsabilidade é de todos.”, fala Michele.

Quanto aos impactos psicológicos nesses jovens estudantes, a psicóloga afirma a possibilidade de desenvolverem ansiedade, depressão, baixa autoestima e até mesmo falta de segurança, comprometendo a capacidade de acreditarem em si mesmos e de tomarem decisões.

Braços da educação

A professora de Geografia - Ciências Humanas e Sociais, Sara Ferreira Ramos, 58, que leciona na rede pública municipal há 38 anos e estadual há 18 anos, demonstra através de suas falas que a situação problemática em relação aos estudos, vivenciada pela jovem escritora Eloísa Silva, não é rara entre os alunos da rede pública de ensino.

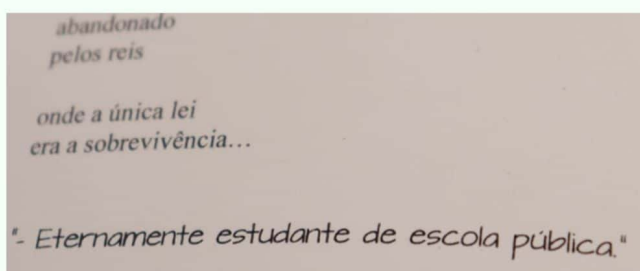
Sarah discorre sobre sua percepção de que os alunos de escola privada estão em sua maioria mais bem preparados que os de escola pública, devido a vários fatores, mas principalmente pelas muitas brechas na educação, apresentadas pelo sistema. Segundo a docente, isso abre espaços para desvalorização do ensino, produzindo disparidades que se ampliam cada vez mais.

Para a educadora, os estudantes já chegam com uma baixa expectativa em relação ao seu projeto de vida e a principal dificuldade que ela encontra em sala de aula é a de resgatar a autoestima deles devido a anos de fracasso escolar.

“Muitos não vêem sentido em estudar, pois a maioria não relaciona sucesso profissional e estudo. Não se sentem capazes de aprender o que está sendo ensinado por seus professores por carregarem muitas dificuldades de aprendizagem, que vão se acumulando no decorrer dos anos”, explica.

Quanto ao papel do professor, Sarah estabelece a necessidade de criar estratégias para conseguir ensinar o que os alunos precisam aprender. “Levar o aluno a desenvolver seu protagonismo, enxergando que, embora tenha dificuldades possui capacidade de aprender, é um trabalho necessário para que a aprendizagem aconteça de fato. A equipe escolar precisa de alinhamento pedagógico no sentido de todos se sentirem co-responsáveis por esses alunos”, declara a professora.

“Levar o aluno a desenvolver seu protagonismo, enxergando que, embora tenha dificuldades, possui capacidade de aprender[...].”



Além do Método: A Espiritualidade na Educação Católica

Por Bruna Marinho

A educação confessional católica se destaca como um valioso aliado para os pais que buscam a formação integral de seus filhos, integrando o desenvolvimento intelectual e espiritual nos alicerces da fé. Uma instituição de ensino confessional busca, acima de tudo, assegurar um aprendizado que respeite a sacralidade da pessoa humana, oferecendo uma educação alinhada aos princípios do Evangelho àqueles que desejam.

O propósito de uma educação impregnada de espiritualidade é deixar um legado duradouro e gerar frutos, moldando a pessoa humana nos valores cristãos. A Igreja Católica não se exime de sua responsabilidade educacional. A encíclica "Divini Illius Magistri", redigida pelo Papa Pio XI em 1929, declara que a função de educar pertence à Igreja, conferida pelo próprio Cristo ao ordenar aos discípulos que saíssem pelo mundo ensinando a todos os povos (Mt 28,19).

Em consonância com esses preceitos, a educação confessional católica se destaca por proporcionar um ambiente educativo que transcende o mero aprendizado acadêmico, cumprindo todas as diretrizes para a educação e obrigações legais perante o município e o estado, buscando integrar valores cristãos no processo formativo. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a construção de cidadãos conscientes, éticos e engajados, prontos para fazer a diferença em suas comunidades e na sociedade em geral.

Mais do que um método, é uma espiritualidade

O Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA-ORATÓRIO) exemplifica uma instituição confessional católica no Vale do Paraíba. Localizado em Cruzeiro (SP), o colégio adota o sistema educativo de Dom Bosco, que, nas palavras do diretor geral, Padre André Simões, "não é apenas um método a mais em Pedagogia, mas sim e principalmente é uma espiritualidade".

O padre explica que, além de cumprir as diretrizes para a educação e obrigações legais, a escola aplica o sistema preventivo de Dom Bosco, consagrado mundialmente e estudado por especialistas. "O sistema preventivo de Dom Bosco, baseado em razão, religião e amor, consiste em articular na vida acadêmica e da comunidade um caminho seguro de crescimento humano e espiritual, fortalecendo o ensino e o estudo. A vida escolar é exigente; fazemos parte de uma grande Rede de Escolas Salesianas presente em nosso país. Temos um ensino forte, de qualidade que prepara para a vida e abre as portas para o futuro", destaca.



Momento de espiritualidade / Foto: Arquivo Interno - Comunicação Social ISSP

O ensino confessional requer uma preparação que vai além das teorias; o sacerdote destaca a importância de compreender o sistema de educação salesiana. "Deixamos claro a todos os nossos colaboradores e educadores desde sua contratação que Deus está no centro de nossa ação educacional, e que nosso trabalho contribuirá para o crescimento de nossos alunos", afirma.

No dia a dia, os alunos vivenciam uma experiência que emana do coração. "Os educadores e colaboradores do INSA-ORATÓRIO vão além da sala de aula e do conteúdo, e os nossos alunos e comunidade percebem claramente isso. Nossos alunos sabem que aqui eles não estão sozinhos; sempre haverá alguém para acolhê-los, pois sabem e vivem essa experiência: aqui eles sabem que são amados", relata o diretor.



Momento de espiritualidade / Foto: Arquivo interno - Comunicação Social ISSP

“ aqui eles sabem que são amados ”

O propósito de Padre Jonas Abib

No Polo Educacional do Instituto e da Faculdade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), os ensinamentos salesianos também guiam a educação. Braço social da Comunidade Canção Nova, o polo atende crianças, jovens e adultos, oferecendo ensino básico, superior e técnico, aliando o ensino à espiritualidade e buscando cumprir o propósito deixado pelo fundador da comunidade: “Formar Homens Novos Para o Mundo Novo”

A diretora, Shirley Nunes, destaca que o ensino é



Monsenhor Jonas visita o Instituto Canção Nova/ Foto: Instituto Canção Nova

para todos, católicos ou não. “Assim como somos cristãos católicos, respeitamos aqueles que vêm até nós que não o são”, conduta essa, também deixada por Padre Jonas.

“ Assim como somos cristãos católicos, respeitamos aqueles que vêm até nós que não o são ”

O polo cresce sem perder o propósito. É o que pontua a diretora. “Não importa o tamanho que tenhamos ou onde chegamos, somos uma instituição confessional. Confessamos a fé cristã católica”.

O diretor espiritual da instituição, Padre Edilberto de Carvalho, destaca que “é fundamental que as crianças, adolescentes e jovens sintam-se amados, cuidados e acompanhados”. O objetivo ao longo da jornada escolar ou acadêmica é conduzir cada aluno a uma experiência com Cristo, visando a salvação. “Queremos com isso ajudar cada aluno a crescer nas virtudes, abandonar vícios, prevenir as crianças e adolescentes para que não iniciem uma vida nos vícios e pecados, e assim façam boas escolhas, sejam bons cidadãos e principalmente bons cristãos”, acrescenta.



Padre Edilberto em procissão com as crianças no dia de Dom Bosco / Foto: Instituto Canção Nova

Educação assistida por animais: o encanto do Instituto Canção Nova

Por Maria Fernanda Alves

Em um cenário educacional repleto de desafios e mudanças constantes, o Instituto Canção Nova surge como um oásis de inovação na Educação Infantil. Localizado em meio à natureza exuberante de Cachoeira Paulista (SP), a escola tem se destacado por adotar uma abordagem singular no processo de aprendizagem: a educação assistida por animais.

Nossa jornada começa entre os corredores vibrantes do Instituto, onde as risadas e os olhares curiosos das crianças se entrelaçam com as patas e asas dos seus amigos bichos. É neste ambiente que desvendamos histórias tocantes, ouvindo educadores dedicados, pais entusiasmados e, é claro, as próprias crianças.

Neste universo mágico, a presença dos animais transforma a experiência de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos. São descobertas encantadoras, que moldam o futuro das gerações mais jovens através da sinergia única entre a educação e a presença calorosa de seres vivos.

Conectando crianças e bichinhos na busca pelo aprendizado feliz

De acordo com pesquisas, a inclusão de animais no ambiente escolar – especialmente na primeira infância – tem o efeito de diminuir os níveis de ansiedade e estresse nos pequenos, promovendo maior participação e integração de todos no espaço educacional. O cuidado com seres vivos, seja plantas ou animais, possibilita que as crianças mais novas expressem seus sentimentos e emoções de maneira mais evidente, contribuindo para a criação de um ambiente escolar marcado pela aceitação e interação plena.



Alunos do Instituto Canção Nova com os animais/Foto: Instituto Canção Nova

Ana Luiza Sinieghi, 39, missionária da Comunidade Canção Nova e diretora da Educação Infantil do Instituto, conta que a educação assistida por animais integra perfeitamente o Sistema Preventivo de Dom Bosco, que é a filosofia adotada pela escola. “Na educação com os animais as crianças aprendem a respeitar, cuidar, alimentar, limpar, zelar e conhecer os diferentes seres vivos. Quando as crianças estão em processo de adaptação, estes cuidados ajudam de forma efetiva na integração escolar”, declara.

Dom Bosco, ao conceber o Sistema Preventivo, reconheceu a relevância das excursões ao ar livre como parte integrante da atividade educacional. Ele também experimentou a estreita ligação entre o ser humano e os animais: o cão Grigio (que significa “cinzento”), também conhecido como “el Gris”, foi seu companheiro por mais de três décadas, protegendo-o de perigos.

A atividade assistida por animais é um projeto educacional voltado para o desenvolvimento holístico da criança.

“Na educação com os animais aprendem a respeitar, cuidar, alimentar, limpar, zelar e conhecer os diferentes seres vivos. Quando as crianças estão em processo de adaptação, estes cuidados ajudam de forma efetiva na integração escolar”.

**“Vamos lá, mamãe
vai ver com você”**

Ele me mostrava os animais, falava o nome deles, e a gente via que ele se familiarizava com o ambiente escolar. Isso contribuiu para que emocionalmente ele não precisasse ficar chorando e não ficasse triste. A alegria e as brincadeiras dos coelhinhos na escola, a gente vê de forma muito positiva na minha família. Essa experiência com os animais foi um grande atrativo para o seu bem-estar no processo escolar”, relata.



Dentre os inúmeros elementos cruciais para esse modelo educativo, destaca-se, de modo imperativo, a promoção das virtudes e a conscientização das atitudes de respeito, responsabilidade e preservação da vida de todos os seres vivos.

Ter animais na escola desperta a curiosidade, gera satisfação e facilita a inclusão de temas como ciências, meio ambiente, ética, valores, ciclo da vida, emoções e sentimentos no currículo da Educação Infantil. “A presença de animais pode auxiliar no estímulo da concentração, comunicação e memória das crianças, pois essa interação com os animais, por muitas vezes, é cativante e envolvente”, conta a Psicopedagoga da Educação Infantil, Marina Nunes, 39.

Sheila Cristiane dos Santos, 39, missionária da Comunidade Canção Nova e mãe do Théo e do Heitor, conta que seu segundo filho, de quatro anos, tinha uma grande dificuldade com sua permanência ao chegar no Instituto, “Os animais foram de grande ajuda, mesmo porque ele motivava a gente a ver os animais todos os dias. Até hoje, quando ele não está muito com vontade de ficar na escola, a gente sempre dá essa opção de ver os animais.



Heitor, de 4 anos, alimentando a tartaruga/ Foto: Instituto Canção Nova

Um grupo de pessoas fica responsável pela equipe da horta e dos animais: duas estagiárias de biologia, um zelador, pedagogos, professores e missionários, além, é claro, das crianças, que revezam nos cuidados efetivos para esta educação assistida por animais.

**“...ais as crianças aprendem
mentar, limpar, zelar e
os vivos. Quando as crianças
adaptação, estes cuidados
a na integração escolar.”**

Educação com animais potencializam habilidades de crianças autistas

A educação assistida por animais oferece uma jornada emocionante e recompensadora para crianças autistas, capacitando-as a explorar seu potencial e aprimorar suas habilidades de vida. À medida que essa abordagem continua a ganhar destaque, seu impacto positivo na comunidade autista é inegável, oferecendo uma visão promissora para o futuro da educação inclusiva.

Além de ser diretora, Ana Luiza é mãe de João Lucas, aluno do Instituto que tem seis anos e é diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ela comenta que os benefícios são únicos a seu filho, “não somente suas habilidades cognitivas que estão comprometidas por conta do autismo, mas suas competências emocionais, sociais e humanas”.

Desde os dois anos de idade, João Lucas estuda no Instituto com educação assistida por animais. Essas experiências foram fundamentais para o seu desenvolvimento, para que hoje ele saiba expressar suas emoções, ter mais tolerância na parte sensorial e mais sensibilidade com o próximo.

A educação assistida por animais é muito mais do que uma abordagem pedagógica; é uma jornada emocional e de descobertas, que molda o futuro das crianças de maneira positiva. Os sorrisos, a confiança e o bem-estar que essa abordagem proporciona são testemunhos de como a educação pode ser transformadora.

À medida que o Instituto Canção Nova continua a trilhar esse caminho único, fica claro que a educação assistida por animais é uma ponte para um futuro mais brilhante, onde a compaixão, a inclusão e a educação de qualidade se unem para criar uma experiência de aprendizagem verdadeiramente notável. Essa é uma lição valiosa para todas as instituições educacionais que desejam promover o crescimento holístico de suas crianças, e é um testemunho da importância de considerar todas as formas de vida ao longo do processo educacional.

“ [...]para que hoje ele saiba expressar suas emoções, ter mais tolerância na parte sensorial e mais sensibilidade com o próximo.”



João Lucas no Instituto Canção Nova com os animais/Foto:Instituto Canção Nova

Família na escola: A importância desta relação

Por Maria Eduarda Cardoso

A família costuma ser o primeiro grupo social com o qual convivemos e que nos acompanha ao longo de toda a vida. Maria Eduarda Guedes, 12, conta com o apoio da mãe em suas decisões escolares e pessoais. A adolescente relata que a mãe sempre a orienta e tem acompanhado sua vida escolar. “Ela percebeu algumas dificuldades que tenho, como matemática, e logo me inscreveu em um curso. Hoje, minhas notas são muito melhores”, conta Maria, que não esconde que mesmo tendo um bom convívio com a mãe, planeja um futuro diferente dos pais.



Maria Eduarda ainda criança e sua mãe/ Foto: Arquivo pessoal

A família é o principal espaço de referência, proteção e socialização dos indivíduos, independente de como se apresenta na sociedade. Ela exerce uma grande força na formação de valores culturais, éticos, morais e espirituais, que vêm sendo transmitidos de geração em geração. Esses valores vivenciados no ambiente familiar contribuem significativamente para a formação do caráter, a socialização e seu aprendizado escolar.

Quando falamos em educação, logo pensamos no papel fundamental que a escola desempenha na formação de cidadãos. A verdade é que ela não pode trabalhar sozinha, sendo fundamental que a família seja integrada nesse processo tão importante.

De acordo com a psicopedagoga do Instituto Canção Nova, Aline Rodrigues, quando os pais demonstram interesse naquilo que gira em torno da formação dos filhos, eles se sentem amparados para enfrentar os desafios e desta forma buscam se destacar em suas atividades. A profissional conclui dando um conselho às famílias, “Ouçam seus filhos, enxerguem seus filhos, gastem tempo com seus filhos. Isso faz toda diferença na formação humana que eles terão.”

Estefânia Peixoto, 44, conta que a relação com o filho sempre foi de muita amizade e respeito. “Sempre estive aberta para conversar e aconselhar sobre todos os assuntos, pois acho muito importante esta relação entre mãe e filho.”, disse ela. Como mãe, sempre incentivou o desempenho de seu filho, além de fortalecer o laço familiar, dando apoio acadêmico e pessoal quando necessário. “Ele sempre foi minha prioridade.”, finaliza.

O envolvimento dos pais na rotina de estudos das crianças pode ser feito com atitudes simples, como colocar a escola nas conversas do dia a dia e valorizar o conhecimento. Essas atitudes não se traduzem necessariamente em ajudar o filho a resolver uma equação, mas sim em mostrar o quanto se importa com ele, dando à criança estímulo e coragem para além da escola.

Um sonho possível: estudar fora do Brasil

Por Leornado Henrique

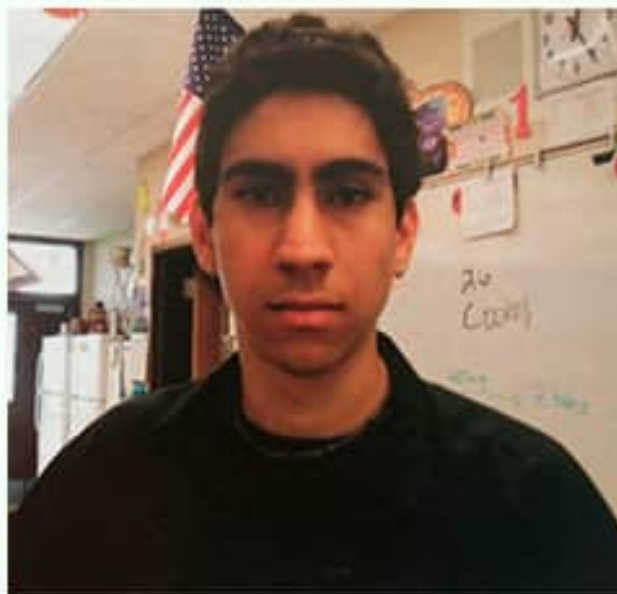
A oportunidade de estudar no exterior, seja por meio de intercâmbios ou por conta própria, é um grande sonho para a maioria dos jovens, e isso não é diferente para aqueles que vivem no Vale do Paraíba. Sair do seu país de origem, conhecer novas pessoas, vivenciar outra cultura, aprender métodos de estudo diferentes, e a possibilidade de aperfeiçoar outro idioma e impulsionar a carreira profissional encantam os estudantes. O processo de estudar no exterior nem sempre é fácil, pois exige dedicação, esforço e planejamento. É recomendável, em primeiro lugar, entender como esse processo funciona, seja por conta própria ou por meio de intercâmbio.

Existem diferentes tipos de intercâmbio, sendo um dos mais comuns o intercâmbio com trabalho voluntário, em que o aluno vai para o país a custo mais baixo e realiza uma ação social em contrapartida, que permite a capacitação profissional do jovem, além da experiência e a possibilidade de estudos. O Brasil atualmente é o 10º país com mais alunos estudando fora do território nacional, com cerca de 88.000 estudantes, dado do relatório Diversify with Data: Insights for Higher Ed Institutions, baseado em números da UNESCO.

Para realizar um intercâmbio, o método mais simples é escolher o destino e consultar uma agência ou programa de intercâmbio para analisar destinos e custos; eles irão guiar todo o procedimento. Foi o que ocorreu com Luiz Braz, que realizou parte de seu ensino médio em Woodland, cidade da Califórnia, nos Estados Unidos.

Na época, com 16 anos, Luiz foi para os EUA por meio de uma agência de intercâmbio e cursou o segundo e metade do terceiro ano do ensino médio na escola Pioneer High School.

Por ser menor de idade na época, ele precisou de autorização legal de sua responsável para viajar e morar no exterior. “Foi uma experiência muito enriquecedora, em todos os sentidos. No começo, eu estava bem nervoso pois eu não me sentia muito seguro com o meu inglês porém, como eu estava morando em uma Host Family (família que recebe intercambistas), foi bem mais fácil essa adaptação. Também havia o fato de outro intercambista da Alemanha estar morando na mesma casa e como estávamos na mesma situação, gente acabou virando amigo e isso foi bem vantajoso”, relata Luiz.



Luiz no ensino médio/ Foto: Arquivo pessoal

“ Foi uma experiência muito enriquecedora, em todos os sentidos. ”

Para se sustentar em outro país, o estudante contava com a ajuda financeira de sua mãe, além de casa e alimentação fornecidas pela sua Host Family. Após este período, o jovem regressou ao Brasil para finalizar os estudos, porém foi novamente para os Estados Unidos, desta vez com o intuito de realizar o ensino superior em “business” (administração de empresas) ficando 4 anos fora.

Atualmente, com 35 anos, ele vive no Brasil, morando em Cruzeiro (SP), é um dos diretores, proprietários e professores da escola de idiomas “Basement”. Agora mais experiente, ele recomenda os estudos fora do país e acrescenta: “tenha uma base de inglês antes de ir para que sua adaptação não seja tão turbulenta. Recomendo também estar de cabeça bem aberta para que você possa fazer amizades e vivenciar parte da cultura. E, por fim, evite comparações com o seu país. Apesar dos EUA, que foi meu caso, ser um país bem mais desenvolvido que o Brasil, existe muita coisa lá que está mais defasada do que aqui e, portanto, a gente se sente tentado a comparar, podendo criar um certo atrito.

Diferente do caso de intercâmbios, podemos citar pessoas que se preparam e vão para o exterior por conta própria, que é o que acontece com Camila Pimentel. A jovem de 20 anos, natural da cidade de Cruzeiro (SP), faz sua faculdade de Ciências Políticas e Estudos Internacionais, na Universidade de Kentucky, em Lexington, nos Estados Unidos. Camila se preparou e organizou sua ida sozinha e relata “o processo de preparação foi difícil porque é uma coisa bem diferente, não é só uma prova, é muito mais que isso, tem redações pessoais, atividades que você faz fora da sala de aula, carta de recomendação de professor, notas escolares, prova de proficiência em inglês, entrevistas, então é um processo muito mais completo que demanda bastante tempo”. As oportunidades de quem estuda fora e as diferenças das escolas e universidades do exterior, possibilitam uma adaptação e evolução mais rápida em diferentes quesitos.

“Eu vejo na faculdade dos EUA, bastante oportunidade de pesquisas,

de envolvimento no campus, de posição de liderança, várias oportunidades de estudar fora enquanto você estuda fora, várias oportunidades de networking, de conectar com os professores, de participar de eventos e sociedades, com muita possibilidade de se conectar com estudantes internacionais também. A infraestrutura é diferente[...]”



Camila no campus da Universidade de Kentucky/ Foto:Arquivo Pessoal

Nem sempre tudo é fácil para se adaptar e estudar fora de seu país ou da sua zona de conforto, porém uma rotina flexível, permitindo a escolha de horários para estudos e matérias, além do trabalho, fonte de sustento da estudante, foram fatores que influenciaram em uma adaptação mais rápida e uma experiência ótima. “A experiência de estudar fora está sendo incrível para mim, com muitos desafios sempre, uma rotina bem ocupada, mas sinto que a minha vida está bem realizada neste sentido, que isso é só o começo e que muitas outras portas irão se abrir”, comenta Camila.

A aluna de ciências políticas incentiva e recomenda outros jovens a buscar essa oportunidade e experiência de estudar no exterior. “Uma recomendação para quem deseja estudar no exterior é que, sim, isso pode ser assustador, mas enfrentar o medo é o que nos torna corajosos. Pratique o inglês, comece o quanto antes a se preparar para estudar fora, pesquise sobre. Planeje com antecedência e realmente foque no seu sonho, no que você quer fazer e não ligue para opiniões externas”, finaliza a estudante.

Ensinar sem perder a cabeça

Por Gabriel Fontana

Psicóloga aponta para riscos e necessidade de cuidados com a saúde mental, principal problema enfrentado por professores do país, segundo pesquisa

Educar é uma atividade que envolve muitos desafios. Da mesma forma que os estudantes precisam se esforçar, o professor também tem que se consumir para dar o ensino necessário aos seus alunos, apesar de problemas como a falta de recursos. Tal desdobramento impacta diretamente no trabalho e na saúde do educador.

Segundo uma pesquisa organizada pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) neste ano, problemas ligados à saúde mental são os que mais afetam os profissionais do país. Esses problemas levam ao afastamento dos professores.

Em um levantamento feito pela TV Globo no primeiro semestre deste ano, somente no estado de São Paulo 20.173 educadores foram afastados de suas atividades na rede estadual, totalizando um aumento de 15% em relação ao ano passado.

Atuante na área da Psicologia Escolar há 19 anos, Iva Capucho, 46, comenta que identificou uma sobrecarga causada pela pandemia de Covid-19, que afetou especialmente os anos escolares de 2020 e 2021. Além disso, aponta que as dificuldades relacionadas a questões sociais do cotidiano dos alunos e os problemas em estabelecer um equilíbrio entre situações pessoais e profissionais também se configuram como fatores de risco que levam ao desenvolvimento de distúrbios mentais nos profissionais da educação.

Algumas alterações são leves e podem ser acompanhadas por suporte médico e psicológico, de forma que o professor consiga manter o seu desempenho. Contudo, a psicóloga pontua que se houver um nível mais significativo de alteração, o educador precisará de afastamento temporário de suas funções.

"A educação ainda me move"

Danielle Carvalho, 38, é professora desde que cursava o Ensino Médio. Com experiência tanto na rede pública quanto na privada, encarando as mais diferentes realidades, ela avalia a sua saúde mental como boa. Entretanto, reconhece que o cansaço e o estresse presentes no cotidiano dos professores podem gerar gatilhos para a ansiedade, entre outros efeitos.



Iva Capucho, psicóloga escolar / Foto: Arquivo pessoal

A educadora reitera que o impacto negativo na saúde dos professores não se dá pela profissão em si, mas pela falta de recursos humanos e materiais e pela condição precária que oferecem

para o desenvolvimento do trabalho em uma unidade de ensino.

“Eu me sinto ainda motivada e feliz ao dar aula e transformar a realidade das crianças que passam pela minha sala de aula – isso ainda me move. O estresse surge nos momentos em que não temos

apoio tanto do governo como falta de estrutura física das escolas, falta de recursos para inclusão e negligência das famílias quanto ao aprendizado das nossas crianças”, explica.

“ Eu me sinto ainda motivada e feliz ao dar aula e transformar a realidade das crianças[...] ”

Dicas



Profª Me. Ioná Piva Rangel
Jornalista



Profº Older José Leite
Formado em

Filme: Escritores da Liberdade ★★ ★

Uma jovem e idealista professora chega a uma escola de um bairro pobre, que está corrompida pela agressividade e violência. Os alunos se mostram rebeldes e sem vontade de aprender, e há entre eles uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell aposta em métodos diferentes de ensino. Aos poucos, os alunos vão retomando a confiança em si mesmos, aceitando mais o conhecimento e reconhecendo valores.

Série: Segunda Chamada - Série Globo Play

No ensino noturno de jovens e adultos da EE Carolina Maria de Jesus, o diretor Jaci e os professores Lúcia, Eliete, Marco André e Sônia seguem determinados a mostrar a alunos de diferentes idades e perfis o poder de transformação social da educação.

Filme: Black - Netflix

Conta a história de uma garota cega e surda, Michelle McNally, e seu relacionamento com um professor, Mr. Sahai, que mais tarde desenvolve a doença de Alzheimer.

Superação e inclusão

Por Gabriela Araújo

Com a promulgação de leis que asseguram a igualdade de oportunidades e acessibilidade para todos, a questão da inclusão nas ganhou cada vez mais relevância. No Brasil, textos como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei n. 13.146/2015) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394/1996) estabelecem diretrizes claras para garantir a participação plena de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças.

No entanto, apesar dos avanços legais, a efetiva implementação dessas políticas e a realidade vivenciada por pais e professores revelam desafios significativos na busca por uma educação verdadeiramente inclusiva. Mães de crianças portadoras de deficiência ou síndromes têm frequentemente enfrentado uma lacuna entre o diagnóstico precoce e o suporte necessário para garantir um desenvolvimento adequado.

Nair Fernandes, 65, mãe de Leandro, 37, um adulto surdo, compartilha um momento marcante durante a sua gestação. "Eu não sabia que estava grávida, fui ao médico, pois amanheci com febre e alergia pelo corpo", relata. O médico expressou preocupação quanto à possibilidade de rubéola, informando que, se fosse o caso, ela "deveria tirar a criança". Diante dessa situação o médico chegou a proferir "ele vai nascer um monstro".

Naquele período, a precariedade das condições era notável.

"Não tivemos nenhuma ajuda para seu tratamento", lembra Nair, referindo-se ao momento em que seu filho Leandro, tinha apenas um ano de idade e foi diagnosticado com surdez profunda, após uma suspeita levantada por uma fisioterapeuta.

“Ele vai nascer um monstro”

A falta de suporte se estendeu aos anos escolares, quando Leandro frequentou escolas públicas sem acompanhamento de intérpretes, dependendo principalmente da comunicação por sinais caseiros, que permanece até hoje com sua família. Foi somente durante o ensino médio que recebeu auxílio de um intérprete. Hoje, após ter aprendido a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Leandro se comunica fluentemente e demonstra domínio na interação com os outros.

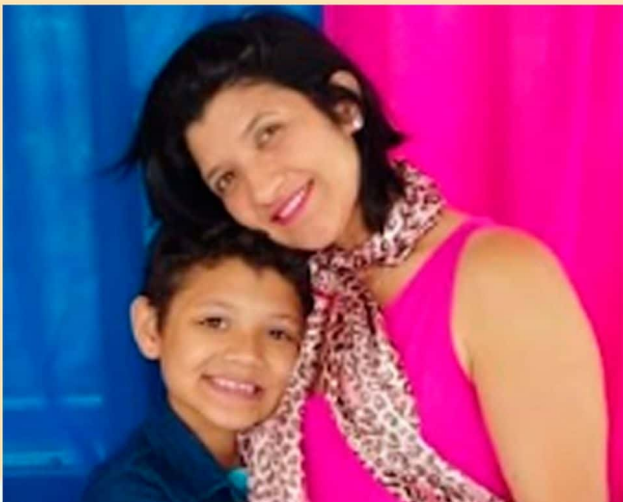
O impulso para transformar

Andréia Silva Reis, 38, moradora de São Lourenço, no interior de Minas Gerais, é mãe, professora de LIBRAS e palestrante. Seu filho, Benjamin Silva, 9, foi diagnosticado com surdez profunda bilateral aos 4 meses.

"Quando Benjamin não passou no teste da orelhinha e foi diagnosticado com surdez profunda bilateral, eu sabia que precisava trazer uma qualidade de vida para ele. Era uma escolha entre modificar nossa cidade ou mudar para outra. Optei por transformar São Lourenço.

A mãe conta que quando Benjamin respondeu com “eu também te amo” em LIBRAS, foi o momento em que a Língua Brasileira de Sinais se abriu para ela. A partir desse instante, se aprofundou no estudo e no desenvolvimento de crianças surdas, buscando conhecimento para não apenas ajudar o seu filho, mas também outras famílias.

Andréia encerra dizendo: “hoje eu sou professora de LIBRAS no município, professora de LIBRAS no Instituto Federal, dou aula no on-line e dou palestra nas faculdades. Mas assim, o primeiro momento surgiu como uma ajuda para outras famílias. Eu não tinha pretensão do que ia acontecer, nem sabia que eu ia chegar onde eu cheguei”.



Andréia e seu filho/ Foto: Arquivo Pessoal

Acessibilidade e o ensino privado

Matheus Felipe Ferreira, 27, casado e técnico em Marketing, enfrentou desafios decorrentes do glaucoma congênito que afeta sua visão. Matheus cursou o ensino técnico em uma escola estadual e, no ensino superior, até ingressou no curso de Logística, mas acabou por escolher cursar Rádio e TV na Faculdade Canção Nova.

Ao relatar sua experiência acadêmica, ele menciona que não teve “acesso pleno na escola”, pois conseguia se locomover sozinho por ainda ter um pouco de visão. “Eu não nasci deficiente visual; o meu glaucoma congênito é hereditário, eu e meus irmãos herdamos de nossa falecida mãe”, acrescenta.

Ao decorrer de sua vida escolar, Matheus passou por problemas familiares, que fizeram com que ele não completasse a terceira e quarta série, precisando realizar um teste para ingressar diretamente na quinta série. E ao tentar voltar para os estudos, passou por um momento de rejeição, que após esforços da família voltou à escola.

Hoje, além de atuar como estagiário no Departamento de Comunicação do SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão) por dois anos, Matheus encontrou no esporte uma forma de expressão. “Pratico goalball [modalidade exclusiva para deficientes visuais], futebol de cinco e participo de corridas. Irei participar do evento da Faculdade Canção Nova e outro em Lorena”, conta, referindo-se à 1ª Volta da Faculdade Canção Nova – Troféu Padre Jonas Abib, que será disputada em 2 de dezembro deste ano. Matheus encerra dizendo que, na Faculdade Canção Nova, encontrou todo o suporte necessário desde o vestibular. “Graças a Deus fui aprovado e estou abrindo as portas para que mais pessoas como eu ingressem no ensino superior”, expressa.

Maria Auxiliadora, 58, moradora da cidade de Cruzeiro - SP, é graduada em Administração, Pedagogia e especializada em deficiência visual. Foi contratada pela Fundação João Paulo II, instituição a qual rege a FCN, para prestar atendimento ao Matheus, o qual recebe acompanhamento da profissional desde 2021, quando cursou seu ensino técnico em outra instituição. Matheus tem auxílio na adaptação, organização e acompanhamento na parte pedagógica. Maria enfatizou a importância de seu papel como guia na jornada educacional, “A instituição se preparou desde o vestibular, até o dia a dia durante o curso de RTV para receber o Matheus. Oferece condições e as mesmas oportunidades de participação e inclusão de acordo com suas necessidades.”

Maria Auxiliadora destacou que seu trabalho é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno e que promover acessibilidade é dar garantias para as pessoas terem acesso às mesmas oportunidades. E encerra dizendo: “Ainda falta muito na nossa sociedade para chegarmos lá, mas estamos no caminho”.

Educação de Jovens e Adultos, oportunidade para retomar a confiança e caminho para a autorrealização

Por Mayara Lopes

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é uma jornada repleta de desafios, mas também de inspiradoras

histórias de superação. É nesse contexto que conhecemos Rosania Augusto da Silva, 60, dona de casa, e o Pedro Augusto da Silva, 64, pedreiro. Após interromperem os estudos quando jovens, decidiram voltar às salas de aula do EJA depois de casarem, quando perceberam que seus filhos já estavam crescidos e sentiram que era a hora de voltar a estudar.

A oportunidade de retornar à escola com uma instituição próxima chamou-lhes a atenção, e juntos tomaram essa decisão. Dona Rosania compartilha sua experiência com alegria, ressaltando a importância desse retorno à sala de aula: "Eu gostei muito, foi importante para nós e para nossa família. O aprendizado faz muita falta, por isso decidimos voltar. Com a chegada da idade, nos deparamos com limitações que são normais, mas quando voltamos a estudar, sentimos como se voltássemos a ser crianças de novo", conta, com um sorriso no rosto.

A busca por educação e certificação é crucial no cenário atual, como relata seu Pedro: "muitas empresas hoje em dia exigem um diploma, e quem não o possui enfrenta dificuldades para conseguir empregos melhores. Por isso, decidimos, por mais difícil que seja, reabilitar nossas habilidades e investir no nosso futuro".

Graduado em 2006, o casal conta que fez amizades duradouras durante o tempo em que estudaram. Eles encontram seus colegas sempre que saem de casa, em uma experiência gratificante que demonstra a importância do apoio social na jornada educacional. "Eles não esqueceram da gente, e nós não esquecemos deles também. Formar uma amizade assim para toda vida não tem preço", destaca o casal.

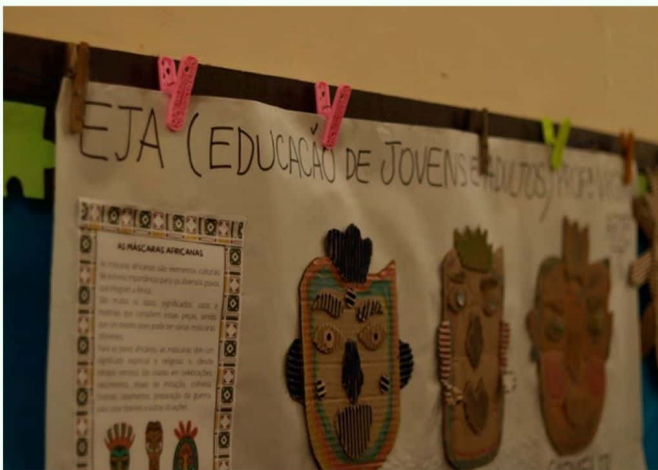


Casal que participou do EJA/ Foto:Arquivo pessoal

“ Com a chegada da idade, nos deparamos com limitações que são normais, mas quando voltamos a estudar, sentimos como se voltássemos a ser ”

No meio das dificuldades de voltar a estudar, eles enfrentaram uma jornada desafiadora, conciliando as responsabilidades do lar, do matrimônio, do trabalho e da criação dos filhos. Suas lembranças dessa época enchem

os olhos do casal de carinho e orgulho. Dona Rosania relembra um fato marcante em que a professora chamou sua atenção por fazer a tarefa do marido. "Rosania, essa não é a letra do seu Pedro", lembra, "aí eu tive que contar que, devido ao seu trabalho incansável, ele não tinha tempo para fazer a tarefa, e eu tive que assumir essa responsabilidade por ele". Esse episódio, entre outros desafios, representa a perseverança e a cumplicidade que unem os dois ao longo desses anos.



Atividades dos alunos do EJA/ Foto: Leonardo Souza

“O aluno precisa sentir confiança para desenvolver a aprendizagem”

Segundo os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), cerca de 11,1% dos brasileiros com mais de 40 anos são analfabetos. Um dos principais fatores que leva a este número é a falta de confiança e autoestima, levando milhões de adultos ao desânimo em retornar às salas de aula.

Leila de Fátima Alkmim Silva, 59, atua há mais de uma década como professora na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Dr. Evangelista Rodrigues, em Cachoeira Paulista (SP). Ela enfrenta o desafio de lidar com alunos em diferentes níveis de conhecimento, e conta que para atender às necessidades individuais, ela elabora adaptações e apostilas personalizadas.

“O principal desafio dos alunos é aprender a ler e escrever. Como professora, eu trabalho com a autoestima, a autorrealização e a autoconfiança, pois o aluno precisa se sentir confiante para desenvolver a aprendizagem”, conta a educadora. Os alunos de inclusão são totalmente integrados às aulas, e de acordo com Leila, a escola oferece apoio fornecendo materiais e jogos pedagógicos que se adequam às necessidades da turma.

Diante da realização e da mudança de vida proporcionada a tantas “Rosanias” e “Pedros” pelo Brasil, por meio do trabalho incansável das “Leilas”, é essencial que o país continue investindo na educação de adultos, adaptando-se às necessidades daqueles que buscam essa oportunidade, seja para finalizar seus estudos ou para continuar sua jornada de aprendizado ao longo da vida.

“Como professora, eu trabalho com a autoestima, a autorrealização e a autoconfiança”



Professora Leila dando aula de artes/ Foto: Maria Eduarda Cardoso



Canção Nova
Faculdade

Canção Nova
Faculdade

Canção Nova
Faculdade

Canção Nova
Faculdade

Canção Nova
Faculdade

Canção Nova
Faculdade